

A leitura do livro do Apocalipse tem suscitado, ao longo dos séculos, questionamentos de ordem literária e hermenêutica, isto é, sua significação teológica, principalmente no último século de pesquisa¹. Por isso, este capítulo, em primeiro plano pretende apresentar os resultados mais relevantes da pesquisa neste campo.

¹ FEUILLET, A., *L'Apocalypse. État de la question*. Paris, Brouwer, 1962, 122p. Nesta obra Feuillet apresenta os principais comentários e textos sobre o livro do Apocalipse, nas seguintes perspectivas: os métodos de interpretação, unidade da composição e estrutura literária, interpretação do conjunto do livro do Apocalipse, doutrina, data e lugar da composição, a questão do autor do livro e alguns problemas. VANNI, U., *Rassegna Bibliografica sull' Apocalisse* (1970-1975), in *RivBb* 24(1976), p. 277-301. VANNI, U., *L'Apocalypse Johannique. État de la question*, in J. Lambrecht, (org.), *L'Apocalypse johannique et l'Apocalyptique dans Nouveau Testament*, in *BETHEL* 53 (1980), Gembloux, Leuven, 21-46. As obras de U. Vanni dar continuidade a obra de Feuillet, completando o estado da questão deste período intermediário. PRÉVOST, J.-P., *L'Apocalypse* (1980-1992), in “*De Bien des Manières*”, *la Recherche Biblique aux Abords du XXI^e siècle* (in *Lectio Divina* 163). ACECAC – Association Catholique des Études Bibliques au Canada, Montreal, FIDES (Paris, CERF), 1995, p. 433 - 457. ALLO, P. E.-B., *Saint Jean, L'Apocalypse*, Paris, J. Gabalda et C^{ie}, 1933. CHARLES, R. H., *Critical and exegetical Commentary on the Revelation of St. John* I - II, Edinburgh, T. & T. Clark, 1971. Uma grande obra sobre o Apocalipse em dois volumes. FORD, J. M., *Revelation. A New Translation with Introduction and Commentary*, *The Anchor Bible* 38, New York, Doubleday, 1975. MOUNCE, R. H., *The Book of Revelation*, N.I.C., Michigan, B. Eerdmans, 1977. HARRINGTON, W., *Revelation*, Collegeville, M. Glazier, 1993. VANNI, U., *La struttura letteraria dell' Apocalisse*, Roma, Herder, 1971. VANNI, U., *L'Apocalisse. Ermeneutica, Egesesi, Teologia*, in *Supplementi alla Rivista Biblica* 17 (1997³) FIORENZA, E. S., *Composition and Structure of the Revelation of John*, in *CBQ* 39 (1977) 344-366. LAMBRECHT, J., et al, *L'Apocalypse Johannique dans le Nouveau Testament* (BibEpTheolLov,53), Gembloux, J. Duculot: Leuven, University Press, 1980, 458 p. GOURGUES, M., *L'Apocalypse ou Les trois Apocalypses de Jean?*, in *ScEsp* 35 (1983), p. 297-323. MUÑOZ LEON, *La estructura del Apocalipsis de Juan. Una aproximación a la luz de la composición del 4º de Esdras y del 2º de Baruc*. em *EstBib* 43 (1985), p. 125-172. LAMBRECHT, J., “*A Structuration of Revelation 4,1-22,5*”, em LAMBRECHT, J., e outros., *L'Apocalypse johannique dans le Nouveau Testament*, p. 77-104. Hopkins, M., *The historical perspective of Apocalypse*, em *CathBibQuart* 27 (1965), p. 42-47. FEUILLET, A., *La moisson et la vendange de l'Apocalypse (14,14-20)*, in *NouvRevThéol* 94 (1972), p. 113-132; 225-250. COLLINS, A. Y., *The Apocalypse (Revelation)*, in *The New Jerome Biblical Commentary*. BROWN, R. E.; FITZMYER, J. A; MURPHY, R. E. (Ed.) London: Geoffrey Chapman, 1994. 996-1016. AUNE, D. E., (dir.), *Early Christian Apocalypticism: genre and Social Setting*, in *Semeia* 36 (1986), p. 174.

Três aspectos são dorsais no desenvolvimento da pesquisa desta obra. Os aspectos literários, o contexto histórico-literário, e as novas ferramentas interpretativas desta linguagem complexa.

Primeiramente, os aspectos literários, pois trata-se de um texto escrito e conservado para a leitura e interpretação e celebração eclesial. Evidentemente, não se pode ignorar a potente influência deste livro na formação do imaginário contemporâneo para além do cristianismo. Neste campo examinar-se-á da estrutura lógica formal do texto atual à questão das possíveis heranças bíblico-vétero e neotestamentária, que se percebem ao longo do texto, de diversas maneiras.

Em segundo lugar, interessa-nos percorrer a pesquisa sobre o meio literário, religioso e eclesial, sua formação e as tradições subjacentes. Diante da peculiar linguagem deste livro, o que pensar de seu autor, de seus leitores/ouvintes? Trata-se de uma obra exclusiva de seu tempo? Quais são as pistas para podermos relacionar o mundo cristão primitivo e suas tradições a esta obra?²

Recentemente o Magistério³ chamou a atenção dos exegetas para a gama de novos horizontes e pressupostos filosófico-literários⁴ que dialogam com os métodos bíblicos tradicionais, causando uma produção hermenêutica diversa e às vezes conflitante com a leitura eclesial vigente, não podemos ignorar que este fenômeno suscita tarefas e discernimentos acerca do instrumental exegetico oriundo do “Método Histórico-Bíblico”, assim como a crítica teórica ao ab-uso da linguagem apocalíptica para fins ideológicos estranhos à sua natureza teológico-literária.⁵

2.1

Aspectos Literários do Apocalipse

² HANSON, P. et al., *Apocalypses and Apocalypticism*, in *The Anchor Bible Dictionary*, Vol. 1, N. York: Doubleday, 1992, p. 279 -292.

³ PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, *A Interpretação da Bíblia na Igreja*, Paulinas, S.Paulo, 1994, espec. p. 87-102.

⁴ PRÉVOST, J-P. *L'Apocalypse (1980-1992)*, p. 455-57.

⁵ RUSSEL, D. S., *Desvelamento Divino* (trad. bras. de *Divine Disclousure –An Introduction to Jewish Apocalyptic*, 1992). São Paulo: Paulus, 1997, p. 175; ROWLEY, H.H., *A Importância da Literatura Apocalíptica – um estudo da literatura judaica e cristã de Daniel ao Apocalipse*. São Paulo: Paulinas, 1980.

O Apocalipse joanino é uma obra singular, é um livro único, significa a definitiva revelação de Deus para a Igreja⁶. É o livro mais misterioso da literatura cristã: simbolismos exuberantes, enlevo de cores atíçadas, habitados por homens renovados, os vivos, os anciãos, os vencedores, personagens fabulosos, cantos brilhantes e liturgias celestiais, figuras sinistras de animais, entre outras coisas⁷. A leitura deste livro é verdadeiramente cativante.

Dentro da pesquisa sobre o livro do apocalipse o aspecto literário merece atenção especial, devido à singularidade que o próprio livro do Apocalipse possui.

Será vista a seguir as pesquisas relativas à estrutura literária do Apocalipse. Depois, serão apresentadas algumas obras que tratam da linguagem do Apocalipse.

A obra de U. Vanni⁸ pretende ser um desenvolvimento do trabalho realizado por A. Feuillet que em 1963 publicou um livro com o mesmo nome⁹. Uma verificação dos principais trabalhos na área do Apocalipse que foram produzidos após a publicação de A. Feuillet. Vanni apresenta primeiramente um conjunto de bibliografias e de introduções.

O trabalho bibliográfico de O. Böcher tem a perspectiva de uma história da exegese¹⁰.

No artigo de J. Prévost¹¹ ele faz uma abordagem do estado da questão do Apocalipse do período de 1980-1992, abordando sucessivamente as seguintes questões: *a estrutura do apocalipse, o gênero literário, o contexto histórico, e a*

⁶ MOLINA, F.C., *El Señor de la Vida. Lectura Cristológica del Apocalipsis*. Salamanca: Sígueme, 1991, p. 30.

⁷ Ibid., p.12. A obra de Molina estruturada em 6 grandes capítulos: I) teofania de Cristo, com atributos próprios de YHWH no A.T. O próprio Jesus ordena a João para que ele escreva a visão inicial as sete igrejas; II) as cartas, como o Senhor fortalece a Igreja por meio de sua palavra; III) estuda os 7 prêmios, com os quais Cristo quer animar a fidelidade de sua Igreja. IV) Ap 4-5: o símbolo do Cordeiro. Jesus, o Senhor da Vida. Origem do símbolo: o Servo de YHWH, o Cordeiro Pascal ou Cordeiro Apocalíptico. V) apresentação solene do Cordeiro em Ap 5-6. VI) é formado de 6 densas partes e é a parte mais extensa do livro (6-22). Alguns enfoques desta obra serão abordados no IV capítulo.

⁸ VANNI, U., *L'Apocalypse johannique - Etat de la question*, p. 21-46.

⁹ FEUILLET, A., *L'Apocalypse État de la questions*, p. 9-112.

¹⁰ BÖCHER, O., *Die Johannesapokalypse* (Erträge der Forschung, 41) Darmstadt, 1976.

¹¹ PRÉVOST, J-P. *L'Apocalypse (1980-1992)*, p. 433-434.

crisologia. Uma questão da atualidade que é Ap 20 e o milenarismo, também pontuará sobre as questões mais significativas dentro do Apocalipse.

Ele parte de 1980, após os dois balanços realizados por Ugo Vanni, que cobre o período de 1970 a 1980, com mais de 150 títulos, trabalhos e artigos. O interesse pela pesquisa do Apocalipse neste período é confirmado pelo seguinte fato: os jornais bíblicos de Louvain são dedicados desde 1980, ao Apocalipse Joanino¹².

As leituras emergentes das recentes pesquisas são indicativas, e a partir disto será possível assinalar os rumos da pesquisa atual. O artigo de Zeller, por exemplo, representa uma abordagem sobre a relação entre o meio Helenístico e os títulos cristológicos do Apocalipse¹³. Assim como Stanley, que faz uma reflexão sobre a expressão '*vir como um ladrão, à noite*' (Mt 27,23; 28,13), na qual ele aponta que não se deve simplesmente aceitar o texto como escatológico. O texto é marcado por um profundo sentido humano e presente.¹⁴

2.1.1

A estrutura literária do Apocalipse

Um dos principais problemas literários é a estrutura do livro¹⁵.

Para que se possa determinar uma estrutura de uma perícopes ou de um livro é necessário observar as formas literárias presentes no mesmo e buscar perceber como o autor trabalha estas formas, umas em relação às outras. A estrutura geral

¹² FEUILLET, A., *L'Apocalypse. État de la question*, p.19-30. ALLO, P. E.-B., *Saint Jean l'Apocalypse*, p. LXXXV-XCV. O Livro do Apocalipse é uma unidade literária. WALVOORD, J. F., *The Revelation of Jesus Christ. Commentary*, London, Marshall, 1966, 29. Para Walvoord o capítulo 22 é formado de conclusão e exortação. BONSIRVEN, J., *L'Apocalypse de Saint Jean*, p. 33-40. CHARLES, R. H., *Critical and exegetical Commentary*, p. XXIII- XXVIII. LAMBRECHT, J., et al, *L'Apocalypse Johannique dans le Nouveau Testament*, *BibEpTheol* 53, Gembloux, J. Duculot: Leuven, University Press, 1980, p. 77-104. MOUNCE, R. H., *The Book of Revelation*, p. 45-47. HARRINGTON, W., *Revelation*, p.17-23. FORD, J. M., *Revelation*, 1975. p.46-50. Para Ford os capítulos 20-22 do livro do Apocalipse de São João são marcados por redações e interpolações. SWEET, J., *Revelation*. London: SCM; Philadelphia: Trinity International (TPI), 1979¹, 1990², p. 52-54. BAUCKHAM, R. *The Climax of Prophecy –Studies on the Book of Revelation*.Edinburgh: T&T Clark, 1993, p. 1-37.

¹³ ZELLER, D., *New Testament Christology in the Hellenistic*, in *NTS* 46 (Julho-2001), p. 312-333.

¹⁴ STANLEY, C. D., *Who's Afraid of a Thief in the Night?*, in *NTS* 48 (Outubro-2002), p. 468-485.

¹⁵ VANNI, U., *L'Apocalypse johannique - Etat de la question*, p. 26.

de um livro depende da maneira que este mesmo lida com as diversas formas. Os detalhes de cada micro-estrutura de um texto formam a macro estrutura do mesmo.

A busca de uma estruturação do livro do Apocalipse é perigosa segundo Yarbro Collins. Mounce afirma que “A completa falta de consenso sobre a estrutura do Apocalipse deveria acautelar o leitor para que este não aceite qualquer aproximação como definitiva”¹⁶. É possível, no entanto, cada vez mais reconhecer que o Apocalipse traz em si uma grande coesão no conjunto e que o seu autor é um mestre admirável da arte de compor.

U. Vanni observando os aspectos literários do livro do Apocalipse de São João monta uma estrutura para o livro. Ele aponta para um epílogo em Ap 22,6-21 sob a forma de um diálogo litúrgico:

*“A un primo esame, il brano ci si presenta com una caratteristica letteraria interessante: abbiamo un intreccio di affermazioni, risposte, invocazioni, i cui protagonisti principali sono, da una parte Giovanni, dall'altra Cristo e, fugacemente, un angelo. Si ha l'impressione di un dialogo multiplo, proprio di un ambiente liturgico”*¹⁷.

O interesse pelas questões de estrutura do Apocalipse é confirmado pela reedição do trabalho de Ugo Vanni¹⁸.

Quanto à estruturação Giblin busca fazer precisões críticas¹⁹. E. Schüssler Fiorenza sugere uma estruturação detalhada do livro do Apocalipse, numa forma concêntrica²⁰. U. Vanni critica esta forma concêntrica que E. Schüssler apresenta

¹⁶ “This rather complete lack of consensus about the structure of Revelation should caution the reader about accepting any one approach as definitive”. (MOUNCE, R. H., *The Book of Revelation*, p. 46).

¹⁷ VANNI, U., *L'Apocalisse. Ermeneutica, Esegese, Teologia*, p. 84, 105, 113, 145, 267. VANNI, U. *La struttura letteraria dell'Apocalisse* (Aloisiana, 8), Roma, 1971, p. 109. A obra de U. Vanni apresenta a seguinte divisão: 1,1-3: prólogo; 1,4-3,22: primeira parte; 4,1-22-5: segunda parte. A segunda parte está subdividida em cinco seções: 4,1-5,14; 6,1-7, 17; 8,1-11, 14; 11,15-16, 16, 17-22,5. HARRINGTON, W., *Revelation*, p. 224.

¹⁸ VANNI, U., *La struttura letteraria dell'Apocalisse*, p. vi-335.

¹⁹ GIBLIN, C. H., *Structural and Thematic Correlations in the Theology of Revelation*, 16-21, em Bib 55 (1974) 487-504.

²⁰ Em dois trabalhos E. Schüssler Fiorenza apresenta suas conclusões. Primeiro: FIORENZA E. S., *The Eschatology and Composition of The Apocalypse*, em CBQ 30 (1968) 537-569. Nesta obra ele apresenta os seus conceitos. Depois ele aprofunda o seu trabalho em: *Composition and Structure of the Book of Revelation*, em CBQ 39 (1977) 344-366. Ele apresenta a estrutura da seguinte forma: A: 1,1-8; B: 1, 9-3, 22; C: 4,1-9,21; 11,15-19; D: 10, 1-15, 4; C': 15, 1.5-19, 10; B': 19, 11-22, 9; A': 22,10-21. Segundo E. Schüssler o livro tem seu ápice em 10, 1-15, 4. Esta parte tem uma característica específica teológico-política, ponto principal, e centro do livro. Ele

dizendo que esta forma concêntrica não explica o movimento de progressão que está sempre presente no livro²¹.

F. Rousseau elabora uma estrutura para o livro do Apocalipse baseada em estiques que serviriam para a recitação. A história pré-textual seria a recitação de alguns estiques na assembléia litúrgica e que depois seriam transformados pelo autor em uma narrativa. Isto ele sugere refletindo sobre a influência do meio profético nas primeiras comunidades cristãs que deram origem ao Novo Testamento²².

No período entre 1980 e 1992 foram publicados três estudos monográficos sobre estruturação: 1. O artigo de J. Lambrecht²³; 2. A análise de M. Gourgues²⁴; e 3. O estudo de Muñoz Leon²⁵.

1. O artigo de J. Lambrecht²⁶ apresenta uma característica dinâmica do Apocalipse e o caráter de recapitulação do desenvolvimento dos três setenários: o setenário dos selos (Ap 4-7) exibe uma série de abertura que chama o segundo setenário das trombetas (8,1-11,14), e então é envolvido pelo terceiro setenário (11,15-22,5).
2. Esta estrutura tripartida é confirmada por M. Gourgues²⁷. No entanto, sua abordagem é feita de forma diferente, melhor ressaltando a dinâmica dos três setenários, e notadamente eles conduzem ao fim. Ajuda a compreender a função dos capítulos 7,11,16, dando-lhes um valor de intercalação. Gourgues percebe que os três cenários apresentam um quadro

propõe também que a forma do livro é de uma carta apostólica. HARRINGTON, W., *Revelation*, p. 224.

²¹ VANNI, U., *L'Apocalypse johannique - Etat de la question*. Roma: 1971, p. 26.

²² ROUSSEAU, F. *L'Apocalypse et le milieu prophétique du Nouveau Testament. Structure et préhistoire du texte* (Recherches, 3), Paris-Tournai-Montréal, 1971. Verificar o apêndice 3: *Le exte de l'Apocalypse selon un plan nouveau et une disposition des versets en stiques*, pp. 177-218. Aune afirma que a intenção do autor do livro do apocalipse é deseja que ele seja lido em voz alta e em meio ao serviço religioso (1,3; 22,18). AUNE, D.E., *Prophecy in Early Christianity and the Ancient Mediterranean World*. Michigan: B. Eerdmans, 1983², 275.

²³ LAMBRECHT, J., "A Structuration of Revelation 4,1-22,5", in LAMBRECHT, J., e outros., *L'Apocalypse johannique dans le Nouveau Testament*, p. 77-104

²⁴ GOURGUES, M., *L' Apocalypse ou Les trois Apocalypses de Jean?*, in *ScEsp* 35 (1983), p. 297-323.

²⁵ MUÑOZ, L., *La estructura del Apocalipsis de Juan. Una aproximación a la luz de la composición del 4º de Esdras y del 2º de Baruc*, in *EstBib* 43 (1985), p. 125-172.

²⁶ LAMBRECHT, J., "A Structuration of Revelation 4,1-22,5", p. 77-104

²⁷ GOURGUES, M., *L' Apocalypse ou Les trois Apocalypses de Jean?*, in *ScEsp* 35 (1983), p. 297-323.

unificado e completo. Cada uma dos três cenários culmina na evocação da salvação e da vitória final (7,11 e 21,22). Os três cenários apontam para uma tensão entre o julgamento e a salvação, tensão manifestadamente resolvida no sentido da vitória do Cordeiro.

3. Muñoz Leon²⁸ faz uma comparação com os apocalipses de IV Esdras e II Baruc e assim aponta para uma divisão bipartida do Apocalipse joanino: um Apocalipse do dia de YHWH, julgamento divino (4-110) e um Apocalipse das bestas e a sua derrota pelo Messias. (12-22). O autor parte das proposições de M. Hopkins²⁹ e A. Feuillet³⁰. Este estudo possui uma dupla falha: de uma parte, a correspondência com II Baruc e IV Esdras é mais temática que estrutural, de outra parte, há uma artificialidade ao combinar a proposição de uma estrutura bipartida com uma apresentação setenária do conjunto do livro.

J. – P. Charlier³¹ em suas proposições de estruturação do Apocalipse busca demonstrar a existência de vários paralelismos, no entanto elas sofrem de uma busca excessiva de quiasmos, e cria excessivas divisões.

Os estudos estruturais ou semióticos que tem alcançado bons resultados em outros setores bíblicos não tem dado um élan particular ao estudo da estrutura do Apocalipse de João.

2.1.2

O Grego do Livro do Apocalipse

O Grego do livro Apocalipse é qualificado de bárbaro, desajeitado, etc³².

Três artigos recentes evitam usar parecidas qualificações. Toda a abordagem de S.E. Porter protesta vivamente contra a tese de S.Thompson que apresenta o grego do apocalipse como um dialeto grego judaizante. Porter acredita que a

²⁸ MUÑOZ, L., *La estructura del Apocalipsis de Juan*, p. 125-172.

²⁹ HOPKINS, M., *The historical perspective of Apocalypse*, in *CathBibQuart* 27 (1965), p. 42-47.

³⁰ FEUILLET, A., *La moisson et la vendange de l' Apocalypse (14,14-20)*, in *NouvRevThéol* 94 (1972), p. 113-132; 225-250.

³¹ CHARLIER, J.P., *Comprendre l'Apocalypse* in *LirBib*, p. 89-90, 2 vol., Paris, Cerf, 1991.

³² O texto Apocalipse possui certas dificuldades: freqüentes solecismos; barbarismo, incoerência e ignorância. As incongruências se explicam pois o autor pensa com mentalidade hebraica, mas redige com estilo grego. O uso dos modos dos tempos é uma dificuldade insuperável. MOLINA, F.C., *El Señor de la Vida. Lectura Cristológica del Apocalipsis*, p. 17.

língua do Apocalipse de João mais se compreende como sendo um dos testemunhos de uma língua grega popular, em uso no primeiro século. D.D.Schimidt tenta mostrar que certas asperezas do grego do Apocalipse se dar pela influência do grego da Septuaginta usado pelo autor e menos pela influência semítica³³.

Seria o Apocalipse uma tradução de uma versão hebraica?

Isto se pensa por achar que o Apocalipse é uma tradução defeituosa de um original certo. No entanto, é justificável pela dupla nacionalidade do autor do Apocalipse: hebraica e grega. É qualificado de inculto por ignorar a ortodoxia da gramática grega. O grego do Apocalipse é original e único por iniciativa do próprio autor que assim quis devido o tema teológico³⁴.

Algumas conclusões relativas às características do grego do Apocalipse são:

a) alternância dos tempos verbais: presente, passado e futuro; b) Relevância expressiva e teológica; c) Liberação do determinismo do tempo; d) A tríplice linha teológica cria dentro do Apocalipse sua própria dimensão, a de um tempo “meta-histórico”; supera o fatalismo e a contingência (Ap 1,4; 11,3-13); e) O autor é um mestre no difícil uso das preposições; f) Não é uma escritura uniforme, nem uma só cor; g) O conteúdo que precisa ser expresso impõe ao autor sua forma³⁵.

2.1.3

A herança literária do livro do Apocalipse

2.1.3.1

O Apocalipse e o Antigo Testamento

É indispensável o reconhecimento da herança que os livros do Novo Testamento receberam do Antigo Testamento³⁶. O autor parece utilizar um texto

³³ PRÉVOST, J-P. *L'Apocalypse (1980-1992)*, p. 446

³⁴ MOLINA, F.C., *El Señor de la Vida. Lectura Cristológica del Apocalipsis*, p. 17.

³⁵ Ibid., p. 17.

³⁶ Atualíssima a questão das Escrituras Hebraicas e a Bíblia Cristã: O último documento emitido pela Pontifícia Comissão Bíblica, *O Povo Hebraico e suas Escrituras Sagradas na Bíblia Cristã*, Roma, 2002. Cf. A revisão de SANTOS, P.P.A., *O Povo Hebraico e suas Escrituras Sagradas na Bíblia Cristã*, in *Atualidade Teológica* 11(2002), 281-284.

hebreu (TH) e não somente uma tradução grega (LXX), além das referências ‘aramaizantes’

O meio religioso neo-testamentário é notadamente marcado por uma evocação do Antigo Testamento. Não é possível supor uma independência completa de um livro do Novo Testamento em relação aos escritos do Antigo Testamento.

O uso de tradições apocalípticas no apocalipse é algo que necessita ser averiguado, no entanto, o difícil é provar a dependência literária³⁷.

Para se conhecer o meio religioso do Apocalipse é, portanto, de fundamental importância ver a relação que o mesmo possui com o Antigo Testamento. O Apocalipse está repleto de citações textuais do Antigo Testamento que chega a estar saturado³⁸.

Alguns fazem apenas uma enumeração de citações³⁹, mas isto não é suficiente. Outros autores mostram este uso do Antigo Testamento no livro do Apocalipse⁴⁰.

Para U. Vanni existem diversos níveis de utilização do Antigo Testamento: desde uma repetição estritamente literária à uma pura reminiscência, passando por um leque extenso e variado de possibilidades intermediárias. O texto de referência é o texto hebraico e não a Septuaginta. O autor é perfeitamente consciente dos temas subjacentes que ele utiliza e reinterpreta de forma cristã. Ele possui uma grande familiaridade com a terminologia e as imagens vétero-testamentárias. Elevada a uma adaptação criativa em função do objetivo que ele procura⁴¹.

³⁷ BAUCKHAM, R. *The Climax of the Prophecy*, p. 38.91.

³⁸ MOLINA, F.C., *El Señor de la Vida. Lectura Cristológica del Apocalipsis*, p. 24-35.

³⁹ DITTMAR, W. *Vetus Testamentum in Novo*, Göttingen, 1903, pp. 263-279. Esta obra tem a finalidade apenas de demarcar e enumerar as citações do Antigo Testamento que estão presentes no Novo..

⁴⁰ Em Feuillet encontra-se uma tentativa de compreensão da influência que o Antigo Testamento exerce sobre o Novo Testamento (FEUILLET, A. *Le Cantique des Cantiques en l'Apocalypse*, em *Rech. Sc. Rel* 49 (1961), 321-353). A. Vanhoye a utilização do livro de Ezequiel no Apocalipse. B. Marcocini - a utilização dos textos mais Massoréticos na citação de isaiana do apocalipse (VANHoye, *L'utilisation du Livre d'Ézequiel dans l'Apocalypse*, em *Bib* 43 (1962), 436-472). A. Gangemi, a utilização do Deutero-Isaías no Apocalipse (GANGEMI, A., *L'utilizzazione del Deutero-Isaia nell' Apocalisse*, di Giovanni, em *Euntes Docete* 27 (1976) 113-136).

⁴¹ Assim resume U. Vanni a questão da utilização que o Apocalipse faz do Antigo Testamento: “*L'utilisation de l'Ancien Testament va de la reprise strictement littéraire à la pure réminiscence en passant par une gamme assez étendue de possibilités intermédiaires*”. VANNI, U., *L'Apocalypse johannique - Etat de la question*, 31.

M. McNamara assinala uma derivação targumínica de certas expressões do Apocalipse, mais ou menos direta, no entanto ele confirma a originalidade criativa do autor⁴². No entanto U. Vanni demonstra que há uma dificuldade cronológica para esta afirmação e a datação mais tardia para o Apocalipse carece de uma solução que seja convincente⁴³.

A relação existente entre o Antigo Testamento e o Apocalipse Joanino apresenta graus diferentes de intensidade, ela abrange deste o aspecto de uma simples repetição literária até uma recordação.

2.1.3.2

O Apocalipse e o Novo Testamento

Depois de apresentar alguns pontos de contato com o Antigo Uma das questões mais delicadas é a aproximação do Apocalipse com meio do Novo Testamento

Se o meio geográfico idêntico sugere uma homogeneidade especialmente entre Paulo e João, pelo contrário os pontos de contato autênticos são antes de tudo esporádicos e sem uma pesquisa aprofundada não podem ser estabelecidos, também, a cronologia deve ser levada em conta.

2.1.4

O Apocalipse e os gêneros literários

Uma outra questão de fundamental importância para compreendermos o Apocalipse é a questão das características peculiares do livro. Estas características peculiares do livro do Apocalipse dariam ao mesmo tempo sua compreensão geral, ou seja, que tipo de escrito é o Apocalipse de São João, qual o seu gênero literário? Como será apresentado a seguir: as pesquisas bíblicas sugerem várias abordagens para esta questão e também obtêm diversas respostas⁴⁴.

⁴² MCNAMARA, M. *The New Testament and Palestinian Targum to the Pentateuch* (AB. 28). Roma. 1966. p. 97-125.

⁴³ VANNI, U., *L'Apocalypse johannique - Etat de la question*, 31.

⁴⁴ AUNE, D. E., *Prophecy in Early Christianity and the Ancient Mediterranean World*, p. 274-290. BAUCKHAM, R. *The Climax of the Prophecy*, p. XI; 38-91. BERGER, K., *As Formas Literárias do Novo testamento (tradução do alemão, título original: Formgeschichte des Neuen*

A obra de João é um apocalipse ou uma profecia? A questão não deve ser formulada contrapondo os termos: apocalipse ou profecia, mas, o Apocalipse Joanino possui traços proféticos⁴⁵? O ambiente do cristianismo primitivo era propício para o desenvolvimento de profecias e escolas proféticas⁴⁶?

O livro do Apocalipse de João seria um apocalipse? Esta é a questão que J. Kallas levanta em seu artigo. Ele questiona: qual é a intenção das palavras do livro do Apocalipse? Ele conclui afirmativamente por sua estrutura formal e negativamente no aspecto do seu conteúdo. O Apocalipse seria, além de seu revestimento literário, um livro de profecia⁴⁷.

Enquanto estudiosos se debatem tentando responder se o Apocalipse é apocalipse ou profecia, o autor claramente se apresenta como profecia⁴⁸. Há em João uma consciência profética⁴⁹.

Testaments, Heidelberg, Quelle & Meyer, 1984), São Paulo, Loyola, 1998, 275. BOGAERT, P. – M., *Les Apocalypses contemporaines de baruch, d' Esdras et de Jean*”, in Lambrecht, J., e outros, *L'Apocalypse johannique et l' Apocalyptique dans le Nouveau Testament*, in *BETHEL* 53, Louvain: University Press, 1980, p. 47-68. BONSIRVEN, J., *L'Apocalypse de Saint Jean*, in *Verbum Salutis* XVI, Paris, Beauchesne, 1951, p. 7-16. BOISMARD, M.E., *L'Apocalypse*, in *La Sainte Bible*, Paris, 1950, p. 7. FIORENZA, E.S., *Apokalypsis and Propheteia the Book of Revelation in the Context of Early Christian Prophecy*, in LAMBRECHT, J., (org.), *L'Apocalypse johannique et l'Apocalyptique dans Nouveau Testament*, in *BETHEL* 53 (1980), Gembloux, Leuven, 115-128. FORD, J. M., *Revelation*, p. 4-12. HANSON, P., et al., *Apocalypses and Apocalypticism*, p. 279 -292. HARRINGTON, W., *Revelation*, p. 1. HELLHOM, D. (dir), *Apocalypticism in the Mediterranean*, p. xi-878. KALLAS, J., *The Apocypse – An Apocalyptic Book?* in *JBL* 76 (1967) 69-80. MOUNCE, R. H., *The Book of Revelation*, p. 18-24. PRÉVOST, J-P. *L'Apocalypse*, p. 440-442. ROCHAIS, G., *La Littérature Apocalyptique*, in *Communauté Chrétienne*, 22 (1983), 145-154; *Qu'est-ce que Apocalyptique?*, in *ScEsp* 36 (1984), p. 273-286. VANNI, U., *L'Apocalypse johannique - Etat de la question*, p. 28. SWEET, J., *Revelation*, p. 1-5. COLLINS, A. Y., *The Apocalypse (Revelation)*, 996-1016. AUNE., D. (dir.), *Early Christian Apocalypticism*, p. 174. WALVOORD, J. F., *The Revelation of Jesus Christ*, p. 23-25. SANTOS, P.P.A. *Do Espírito da verdade ao Espírito da profecia: o Espírito Santo em contacto direto com a vida eclesial no âmbito do movimento joanino*, tese doutoral, não publicada, Roma, 1997, 59-62. A tese doutoral de P. Paulo é contrária a hipótese que não considera o Apocalipse como uma obra pertencente ao círculo joânico. Ele demonstra que há um fio condutor que une os dois títulos Pneumatólogicos principais dos escritos joaninos: “Espírito da Verdade” (Evangelho) e “Espírito de profecia” (Apocalipse). Há uma tradição literária comum.

⁴⁵ ROUSSEAU, F. *L'Apocalypse et le milieu prophétique du Nouveau Testament*, 131-149. AUNE, D.E., *Prophecy in Early Christianity and the Ancient Mediterranean World*, 275. FIORENZA, E.S., *Apokalypsis and Propheteia the Book of Revelation in the Context of Early Christian Prophecy*, 205-208. SANTOS, P.P.A. *Do Espírito da verdade*, p. 59-62.

⁴⁶ Neste capítulo, ainda não será perscrutado o ambiente do cristianismo primitivo, portanto, deixaremos esta questão em aberto até a sua abordagem no quarto capítulo desta dissertação.

⁴⁷ KALLAS, J., *The Apocypse – An Apocalyptic Book?*, p. 69-80.

⁴⁸ AUNE, D.E., *Prophecy in Early Christianity and the Ancient Mediterranean World*, p. 274.

⁴⁹ SANTOS, P. P. A., *O Apocalipse de Jesus Cristo. Testemunho e Espírito de Profecia. A tradição e a Eclesialidade Joanina como Fonte e Testemunho na busca de traços do Cristianismo Primitivo?*, in *Atualidade Teológica*, PUC-RJ, 8 (Janeiro - Junho), Rio de Janeiro, 2001, 39-57. p. 53. Esta consciência profética é demonstrada também pelo uso dos vocábulos: προφητείας (7

J. J. Collins tenta mostrar que a ausência de pseudonímia e, também, de profecias ex-evento não são suficientes para excluir o Apocalipse de João do gênero apocalíptico⁵⁰. U. Vanni⁵¹ argumenta, mostrando que é justamente a constatação da existência de uma pseudonímia que pode indicar a presença do livro do Apocalipse entre os apocalipses. Ou seja, a presença da pseudonímia atesta a favor do gênero literário apocalíptico, pois este é um de seus elementos. Esta questão toca a questão da autoria do livro.

Uma das características apocalípticas presentes no Apocalipse é a função do “*anjo intérprete*”. Este anjo intérprete possui a função de mediador da Revelação⁵².

O apocalipse parece ser uma série de oráculos proféticos atados um ao outro. Os discursos proféticos estão impregnados nos apocalipses judeus e o Apocalipse de João não é uma exceção⁵³.

A linguagem apocalíptica é o berço da profecia, mas diversa dela, isto dificilmente pode ser contestado⁵⁴.

A questão do gênero literário é a que tem sido mais beneficiado com as novas pesquisas do Apocalipse:

1) Textos habitualmente definidos como apocalipse são mais acessíveis graças as publicações de edições críticas reagrupados com o título geral de inter-testamentários ou de pseudo-epígrafos;

2) Um esforço por definir e dar um aspecto mais formal, a noção de gênero apocalíptico.

Dois projetos maiores marcam o período. A partir de um Colóquio Internacional sobre o Apocalipse, Upsala, 1979 e publicado em 1983 com o título

vezes), enquanto, no restante do Novo Testamento apenas 12 vezes, e προφήτης 8 vezes. MORGENTHALER, R., *Statistik des Neutestamentlichen Wortschatzes*, p. 137.

⁵⁰ COLLINS, J. J., in HANSON, P., et all, *Apocalypses and Apocalypticism*, in *The Anchor Bible Dictionary*, Vol. 1, N. York: Doubleday, 1992, p. 282-288. COLLINS, A. Y., *The Apocalypse (Revelation)*, in *The New Jerome Biblical Commentary*. BROWN, R. E.; FITZMYER, J. A; MURPHY, R. E. (Ed.) London: Geoffrey Chapman, 1994. 996-1016. Y., *The Apocalypse (Revelation)*, 996.

⁵¹ VANNI, u., *L'Apocalypse johannique - Etat de la question*, p. 28.

⁵² SANTOS, P.P.A. *Do Espírito da verdade*, p. 60.

⁵³ AUNE, D.E., *Prophecy in Early Christianity and the Ancient Mediterranean World*, p. 275. A finalidade que Aune se propõe a fazer em sua obra é desentrelaçar as declarações proféticas e analisá-las. Ele acredita que estas formas existiam independentes.

de *Apocalypticism in the Mediterranean World and the Near East*⁵⁵. Um trabalho monumental que incluem os apocalipses judeus e mais especificamente os palestinos para finalmente o Apocalipse de João e recebe uma atenção muito limitada, com um só artigo, assinado por A. Yarbro Collins⁵⁶.

As pesquisas recentes desenvolvem o aspecto da função dos apocalipses, graças as colaborações de Hellholm e Aune⁵⁷.

A tese doutoral de F.D. Mazzaferri, uma abordagem da crítica das fontes, é uma análise mais temática que propriamente literária e formal, em prática é uma revista de todo o material da tradição profética que possa ter sido usado por João.

Molina aponta para as características não apocalípticas do Apocalipse: a) não possui pessimismo soteriológico e dualista (não é determinista fatal); b) é marcado por sete bem-aventuranças que o qualifica como um livro de consolo cristão diante das tribulações (1,3; 14,13; 16,15; 19,9; 20,6; 22,7-14); se auto denomina sete vezes de “as palavras desta profecia (1,3; 11,6; 19,10; 22,7.10.18); c) características proféticas: revelação, predição e exortação. Estes elementos porém não são excludentes, o Apocalipse pode pertencer ao gênero profecia mas não precisa reduzi-lo só a ele⁵⁸. O apocalipse possui gêneros misturados, em vista de que a revelação recebida por João é encaixada numa estrutura epistolar (1,4-6; 22,21)⁵⁹.

⁵⁴ ROWLEY, H.H., *A Importância da Literatura Apocalíptica – um estudo da literatura judaica e cristã de Daniel ao Apocalipse*. São Paulo: Paulinas, 1980, p. 13.

⁵⁵ HELLHOM, D. (dir), *Apocalypticism in the Mediterranean World and the Near East*, Tübingen., J.C.B. Mohr (Paul Siebeck), 1983, p. xi-878.

⁵⁶ COLLINS, A. Y., *Persecution and vengeance in the Book of*, p. 729-750.

⁵⁷ Acrescentam o seguinte aspecto funcional à definição: “*Intended to interpret present, earthly circumstances in light of the supernatural world and of the future, and to influence both the understanding and the behavior of the audience by means of divine authority*”. COLLINS, A. Y., *The Apocalypse (Revelation)*, in *The New Jerome Biblical Commentary*. BROWN, R. E.; FITZMYER, J. A; MURPHY, R. E. (Ed.) London: Geoffrey Chapman, 1994. 996-1016. AUNE, D. E., (dir.), *Early Christian Apocalypticism*, p. 7.

⁵⁸ MOLINA, F.C., *El Señor de la Vida. Lectura Cristológica del Apocalipsis*, p. 22-23. AUNE, D.E., *Prophecy in Early Christianity and the Ancient Mediterranean World*, p. 274. João deixa claro que o livro deve ser caracterizado como profecia.

⁵⁹ COLLINS, J. J., in HANSON, P., et al, *Apocalypses and Apocalypticism*, p. 282-288. CHARLES, R.H., *Critical and exegetical Commentary*, p. XXIV. Para Charles as sete partes e o Epílogo constituem uma carta, 1,4-22,21, como nas cartas paulinas inicia com “João para as sete Igrejas...a vós graça e paz da parte d’ Aquele-que-é, Aquele-que-era e Aquele-que-vem; e de Jesus Cristo”(1,4-5a) e finda com “a graça do Senhor Jesus esteja com todos os Santos! Amém.”(22,21) . HARRINGTON, W., *Revelation*, p. 224.

O trabalho de P.-M. Bogaert⁶⁰ parece mais fecundo e permite melhor situar o Apocalipse dentro dos dois Apocalipses contemporâneos de Baruc e de Esdras.

Dois artigos de G. Rochais⁶¹ que faz uma abordagem mais filosófica, busca a essência do apocalipse. A essência do Apocalipse reside na tensão entre a questão sobre a salvação possível e a situação presente de aflição vivida pelos apocalípticos.

2.2

O contexto histórico do Apocalipse

2.2.1

Autor e data de composição do Apocalipse

Dentre tantas pesquisas que buscam precisar a data de composição do livro, muitas tendem a datá-lo próximo ao ano 95⁶². C. J. Hermer⁶³ e F. Stagg⁶⁴ são favoráveis a esta datação. Um amplo consenso é datar a composição do Apocalipse na época de Domiciniano (em torno dos anos 90).

Outros pesquisadores tendem a uma datação próxima ao reinado de Diocleciano. J. Stolt⁶⁵ propõe este período para datar o livro do Apocalipse de São João.

W. G. Baines⁶⁶ propõe a datação de 72-73 e segundo ele teria sido escrito por um judeu sectário, vendo em Jesus um salvador nacional *frustrado*.

J. A. T. Robinson⁶⁷ chega ao extremo de propor uma data entre o fim do ano de 68 e começo do ano 70, ou seja, pouco antes da destruição do templo, próxima a época de Nero.

⁶⁰ BOGAERT, P. -M., *Les Apocalypses contemporaines de baruch, d' Esdras et de Jean*, p. 47-68.

⁶¹ ROCHAIS, G., *La Littérature Apocalyptique*, p. 145-154 e p. 273-286.

⁶² VANNI, U., *L'Apocalypse johannique - Etat de la question*, p. 28. SANTOS, P. P. A., *O Apocalipse de Jesus Cristo*, p. 46-47. SANTOS, P. P. A. *O Espírito e a Igreja: as perspectivas do Novo Testamento, em particular dos Escritos Joaninos*, in *Atualidade Teológica* 10, PUC-RJ (2002), p. 83.

⁶³ HERMER, C. J., *Unto the Angels of the Churches. 1. Introduction in Ephesians; 2. Smyrna and Pergamum*, in *Buried History* 11 (1975) 4-27.56-83.

⁶⁴ STAGG, F., *Interpreting the Book of Revelation*, em *Review and Exposition* 72 (1975) 331-343.

⁶⁵ STOLT, J., *Om dateringen af Apokalypsen*, em *Dansk Teologisk Tidsskrift* 40 (1977) 202-207.

⁶⁶ BAINES, W. G., *The Number of the Beast in Revelation 13,18*, em *Heythrop journal* 16 (1975) 195-196.

⁶⁷ ROBINSON, J. A. T., *Redation the New Testament*, London ² 1977, pp 221-253.

A.A. Bell propõe uma datação entre 68-69.

Há quem sugere uma data anterior a 70, assim propõe K. Gentry, sobre o período do imperador Nero, propondo uma composição anterior a guerra judaica de 67, seria então por volta de 65-66.

R. B Moberly assume uma posição semelhante e propõe a data de 69, como a data da concepção do livro do Apocalipse de joanino. A dificuldade que se apresenta a estes é a dos capítulos 2-3, que apresenta igrejas bem definidas em ruptura com o judaísmo (Ap 2,9 e 3,9).

A datação é apresentada por duas monografias J.J. Gunther e de J.W. Taeger. A propõe João o Presbítero e a segunda propõe um “círculo joanino”, com base no tema da água da vida.

2.2.2

O contexto social, político e religioso do Apocalipse

Uma dúzia de títulos aborda a questão do contexto histórico.

A situação histórica é de muito importante para compreensão de um texto. Situa-lo entre um período ou outro da história ajuda a compreender o sentido próprio do texto. Também, nesta área são muitas e divergentes as opiniões. O enraizamento histórico é de fundamental importância para a pesquisa, seja ela teológica ou exegética⁶⁸.

A pesquisa sobre o meio histórico da formação do Apocalipse pode ser separada em dois grupos:

A) O primeiro trata da história civil e gentil(pagão).

P. Prigent⁶⁹ em sua pesquisa busca os componentes históricos deste meio. Durante o período de domínio do Imperador Diocleciano, era exigido a lealdade e submissão ao imperador. Assim durante este período os grupos ou indivíduos que não prestassem a devida reverência ao imperador eram perseguidos. Esta perseguição era legalmente organizada. Dos perseguidos surgem as tendências messiânicas, como um aspecto religioso contrário a submissão ao imperador.

⁶⁸ Como escreve Ugo Vanni: “La dimension historique indispensable à une juste compréhension de l’Apocalypse ne paraît pas moins importante que la dimension littéraire. L’enracinement historique demeure nécessaire à toute perspective, qu’elle soit exégétique ou théologique.” VANNI, U., *L’Apocalypse johannique - Etat de la question*, p. 29.

⁶⁹ PRIGENT, P., *Au temps de l’Apocalypse*, in *Ver. Hist. Phil. Rel.* 54 (1974). 455-483.

Os que professavam a fé cristã refutavam a adoração as divindades nacionais representadas pelo Imperador *κύριος*.

B) o segundo grupo cobre o campo histórico religioso do surgimento do livro. A pergunta que se faz é qual o meio religioso no qual surgiu o livro do Apocalipse?

Neste ponto, E. Schüssler Fiorenza aborda a questão dos Nicolaitas, que era um movimento gnóstico influente. É possível encontrar pontos de contato nas cartas de Paulo⁷⁰.

W. M. Mackay⁷¹ aborda a questão do sincretismo dos nicolaitas como elemento determinante do meio religioso do Apocalipse.

Os estudos de Cullman sobre uma escola joânica fazem referência direta ao meio do Apocalipse. A idéia de uma comunidade da qual as exigências e as aspirações teriam sido a fonte do livro do Apocalipse parece repentinamente sedutor, notadamente, porque ela permite resolver os pontos de contato entre o apocalipse e o Quarto Evangelho e compreende seu clímax litúrgico⁷². No entanto, afirma Ugo Vanni⁷³ que não basta dizer que o Apocalipse pertence a uma escola joânica, isto não responderia as características próprias do livro e conduziria a superficialidade. O texto do apocalipse manifesta uma situação de crise, de crise recente e de traumatismo profundo, crise formada pela percepção de diferentes conflitos e problemas sociais: conflito com os judeus e com os gentios, injustiças sociais e divisões, deficiente relação com Roma.

O Apocalipse é um livro de testemunho cristão, contém uma forte denúncia contra a idolatria do império, que pretende erguer-se como deus e exige adoração de seus adeptos. O livro reflete a perseguição do imperador Domiciano contra a comunidade cristã. As doxologias são repulsas públicas a adoração do imperador. Apocalipse incita o leitor cristão a tomar uma opção fundamental. As expressões fortes e quase incompreensíveis vêm desta situação.⁷⁴

⁷⁰ FIORENZA E. S., *Apocalyptic and Gnosis in the Book of Revelation*, in *JBL* 92 (1973) 565-581.

⁷¹ MACKAY, W. M., *Another Look at the Nicolaitas*, in *Evang. Quart.* 45 (1973) 111-115.

⁷² SMITH, D.M. Jr., *Johannine Christianity: Some Reflections on its Character and Delineation*, in *NTS* 21 (1974-1975) 222-248.

⁷³ VANNI, U., *L'Apocalypse johannique - Etat de la question*, 30.

⁷⁴ MOLINA, F.C., *El Señor de la Vida. Lectura Cristológica del Apocalipsis*, p. 23-24.

2.3

Novas leituras e perspectivas futuras

Novos métodos de leitura são aplicados ao Apocalipse: estudos estruturalistas, retóricos e narrativos.⁷⁵ Enfoques propõem intepretações do apocalipse mais adequadas às novas situações culturais dos leitores. Bastaria citar como indicativa a leitura feminista do Apocalipse, mesmo que se encontre ainda se encontra em fase embrionária.⁷⁶

Novas leituras tendem a se aprofundar nos próximos anos.

Ugo Vanni busca um estudo fundamental e sistemático do simbolismo no Apocalipse. P. Poucota nos oferece um estudo sobre o duplo simbolismo da *menorah* e das duas testemunhas em relação a missão da Igreja.

A apreciação do papel dos capítulos 10-11 em relação a estrutura do todo do livro do Apocalipse é uma questão ainda em aberto. Requer um estudo mais aprofundado.⁷⁷

A característica litúrgica do Apocalipse cada vez mais é reconhecida. É necessário um estudo mais aprofundado entre o Apocalipse e a tradição judaica e judaica-cristã.

Uma questão que precisa ser aprofundada é a questão da cólera de Deus e os atributos da ação divina.

Outros trabalhos apresentam o Apocalipse sobre os diversos aspectos que os seus leitores julgam significativos: a dimensão fundamental do Apocalipse está situado na esperança, no seu aspecto litúrgico, sua perspectiva escatológica ou no seu simbolismo⁷⁸.

⁷⁵ PRÉVOST, J-P. *L'Apocalypse (1980-1992)*, p. 433 - 457. LAMBRECHT, J., *Final Judgments and Ultimate Blessings: The Climate Visions of Revelation 20,11-21,8*, Bib. 81 (2000), 362-385; STANLEY, C. D., *Who's Afraid of a Thief in the Night?*, in *NTS 48* (Outubro-2002), p. 468-485; BIGUZZI, G., *The Chaos of Revelation 22,6-21 and prophecy in Asia*, Bib 83 (2002), 193-210.

⁷⁶ FIORENZA, E. S., *Revelation: Vision of a Just World*, Minneapolis, Fortress, 1991, YABRO COLLINS, A., *A Feminist Symbolism in the Book of Revelation*, Biblical Interpretation, 1 (1993), 20-23.

⁷⁷ GIBLIN, C.H., *Revelation 11.1-13: Its Form, Function, and Contextual Integration*, NTS 30 (1984), 433-459.

⁷⁸ BEASLEY-MURRAY, G. R., *Highlights of the Book of Revelation*, Nashville, 1972. Nesta obra o autor insiste sobre a esperança como tema fundamental do Apocalipse. ELLER, V., *The most Revealing Book of the Bible. Making sense out of Revelation*, Grand Rapids, 1974. O autor quer mostrar que os dois fios condutores do Apocalipse são a dimensão escatológica e, sobretudo, o aspecto do fim dos tempos.

Foi visto até este momento os aspectos mais abrangentes da pesquisa atual do livro do Apocalipse. Desde o seu aspecto literário: como está sendo abordada a pesquisa sobre a estrutura do livro do Apocalipse, sobre o modo peculiar de usar a língua grega que o autor do Apocalipse faz, sobre as heranças literárias do livro do Apocalipse, sobre o gênero literário do Apocalipse e as formas literárias presentes neste livro. Passando pelo contexto histórico do Apocalipse Joanino. Neste aspecto histórico do livro do Apocalipse foi visto as questões sobre autor e data de composição do mesmo. Também foi abordado a questão do contexto social, político e religioso do Apocalipse. Até os aspectos relevantes da pesquisa do Apocalipse hoje.

É neste mundo de questionamentos e abordagens que surge a necessidade de observar a singularidade do texto do Apocalipse Joanino Cristão e a contribuição que o autor do livro do Apocalipse dá aos seus leitores.

2.4

Sumário Final

Neste capítulo procuramos observar alguns aspectos literários e estruturais do Apocalipse de São João, porém sem nos ater às peculiaridades de cada parte do livro.

A questão da estrutura é uma das mais difíceis de ser resolvida, pois apesar de parece existir uma completa falta de consenso, Porém, observamos que pode-se considerar como um elemento mais ou menos aceito pela maioria dos estudiosos, que Ap 22,6-21 deve ser entendido como sendo um epílogo⁷⁹.

Como vimos acima, Vanni mostra que Ap 22,6-21 está na forma de um diálogo litúrgico⁸⁰. A origem desta forma litúrgica do final do livro pode ser a recitação de estiques na assembléia litúrgica (Rosseau)⁸¹. Também, seria influenciado pelo meio profético do Novo testamento. No livro do Apocalipse existe, se percebe uma estrutura dialogal típica da assembléia cristã, leitor e grupo

⁷⁹ LONGENECKER, B. W., 'Linked Like a Chain': 'Linked Like a Chain': Rev 22. 6-9 in Light of an Ancient Transition Technique, in *NTS* 46 (Janeiro-2001), p. 105-117.

⁸⁰ VANNI, U., *L'Apocalisse. Ermeneutica, Egesesi*, p. 109.

⁸¹ ROUSSEAU, F. *L'Apocalypse et le milieu prophétique du Nouveau Testament*, p. 177-218.

a escutar (Ap 1,4-8). Hoje, as características litúrgicas do Apocalipse são cada vez mais reconhecidas.

A linguagem do livro Apocalipse seria o resultado de um dialeto judeu-grego? A resposta a esta pergunta é negativa, pois o autor do Apocalipse demonstra possuir um domínio consciente de dos termos peculiares a seu escrito, bem como do uso singular que faz da língua grega. O autor deliberadamente adapta o uso do grego ao conteúdo que deseja transmitir.

Não podemos dizer que haja uma independência completa do livro do Apocalipse em relação ao Antigo Testamento. No entanto não existe no livro do Apocalipse um só modo de usar o Antigo Testamento, ela vai de uma simples repetição a uma mera reminiscência (Vanni)⁸².

Quanto ao Novo Testamento, a relação entre Apocalipse e os textos dos evangelhos sinóticos é complexa e em relação a Paulo, os contados são esporádicos. O gênero literário a questão ainda é muito difícil de ser resolvida, simplificando, o Apocalipse é uma profecia na forma apocalíptica.

A situação do Apocalipse parece ser uma situação de crise, pois é neste ambiente que surgem, geralmente os apocalipses. São muitas as opiniões sobre Autor e data de composição. Mas ainda é aceitável a idéia de um círculo joânico, em volta de João. E quanto à data, o período de Domiciano é também aceitável, portanto, em torno do ano 90.

No próximo capítulo, passaremos à questão da análise diacrônica da unidade 22,12, situando-a, no complexo literário de 22,6-21.

⁸² VANNI, U. *L'Apocalypse johannique - Etat de la question*, p. 31.